



# Bacamarte e as rachaduras da direita

*Será que a direita está rachada, ou o sistema está reagindo?*

A CNN fez questão de avisar o Brasil, soar as trombetas para o público comum - “a direita está rachada”. Seria este anúncio análise ou desejo? Tentativa de influenciar o eleitor comum ou simplesmente trazer um diagnóstico para o populacho? O brasileiro já aprendeu a não confiar em jornalista, e com toda razão — por isso esperamos segundas intenções dessa análise, e temos toda razão em fazer isso. Ao que parece a grande mídia e o establishment brasileiro estão nostálgicos, sentem falta dos tempos de tucanato e não suportam mais a alegada truculência verbal e o “radicalismo” do bolsonarismo. O PT também morre de saudades de seu antigo amante, que além de perder eleições presidenciais como ninguém, nos bastidores o jurava amor — tanto é que vemos hoje Alckmin como vice de Lula, e nos anos noventa Fernando Henrique Cardoso apresentou Lula para os membros do diálogo interamericano. O tucanato é um inimigo postíço, uma ameaça neutra travestida de ameaça existencial — um adversário que aceita o jogo de cartas marcadas mas reclama que perdeu para manter a pose. Em síntese: os tucanos eram uma “direita autocastrada”, fabianos que acreditavam na burocratização da vida, na perseguição à igreja e no empobrecimento programado como agenda política para o Brasil. Por mais que eu creia que o uso dos termos “direita” e “esquerda” não definam todas as peças do jogo,

peço licença poética para meu leitor para abusar desse termo — deixando claro desde já, que a tal direita castrada é uma filha bastarda do fabianismo que crê que o dinheiro deveria ser o soberano das nações. A grande mídia, a maioria dos partidos políticos e principalmente o PT, sentem falta de uma direita que se castrava na guerra política — fosse pelo medo de parecer inadequado para a vida pública ou mesmo por algum acordo por carginhos e verba. Na mídia, nas universidades e de alto a baixo nos partidos políticos não havia quem sequer ousasse falar fora do vocabulário marxiano, pensar fora da caixinha materialista do ambiente cultural hegemônico era pedir demais para as mais altas classes do Brasil. Quem rompe com esse ciclo no campo da cultura é sem qualquer dúvida Olavo de Carvalho, que foi um dos primeiros a ocupar nas vitrines de livrarias o lugar que pertencia aos cânones uspianos e alguns livros clichê. Bolsonaro foi a primeira figura política que demonstrou não apenas pensar fora dos cânones marxistas, mas agir — a ascensão de sua figura pública teve suas peculiaridades, mas sem dúvida quem rompeu politicamente com o teatro das tesouras foi Jair Bolsonaro. Sem o primeiro nós teríamos as livrarias, consciências e línguas bitoladas pelo esquerdismo reinante do Brasil, sem o segundo o teatro das tesouras seguiria seu curso até destruir o Brasil literalmente, provavelmente

provocando sua balcanização. Não é preciso explicar aqui que para o “retornar à normalidade” — ou seja, a falsa oposição e os partidos de esquerda fingindo brigar, é preciso destruir Bolsonaro e o bolsonarismo. Nesse ínterim surgiram várias figuras que tentaram demolir o bolsonarismo por dentro e manchar a imagem de Bolsonaro, de inúmeras formas. Na obra de Machado de Assis há um elemento notável, poucos malucos perigosos e com sede de poder foram retratados — os maluquinhos e disfuncionais descritos por Machado são figuras que fizeram mal apenas para si ou um círculo muito limitado de pessoas. Mas o Dr. Bacamarte de “o alienista” me parece retrata um tipo de maluco agora recorrente por aqui, o louco obcecado pela autoridade, viciado em influência. Esses estão sendo usados como ferramentas dos saudosistas para destruir o bolsonarismo, loucos histriônicos tentando trazer de volta à normalidade através do controle das massas. Bacamarte dizia que todos eram loucos, exceto ele, que era dono do hospício — hoje nós vemos um jargão semelhante: “todos são esquerdistas rendidos ao sistema, exceto eu, o dono do hospício”.